

Economia - Brasil

Volcker ataca adoção de câmbio flutuante

■ Durante seminário no Rio, ex-presidente do Fed chama sistema de “idéia acadêmica” e alerta que recessão no Brasil será profunda

Sandra de Souza

CRISTINA BORGES

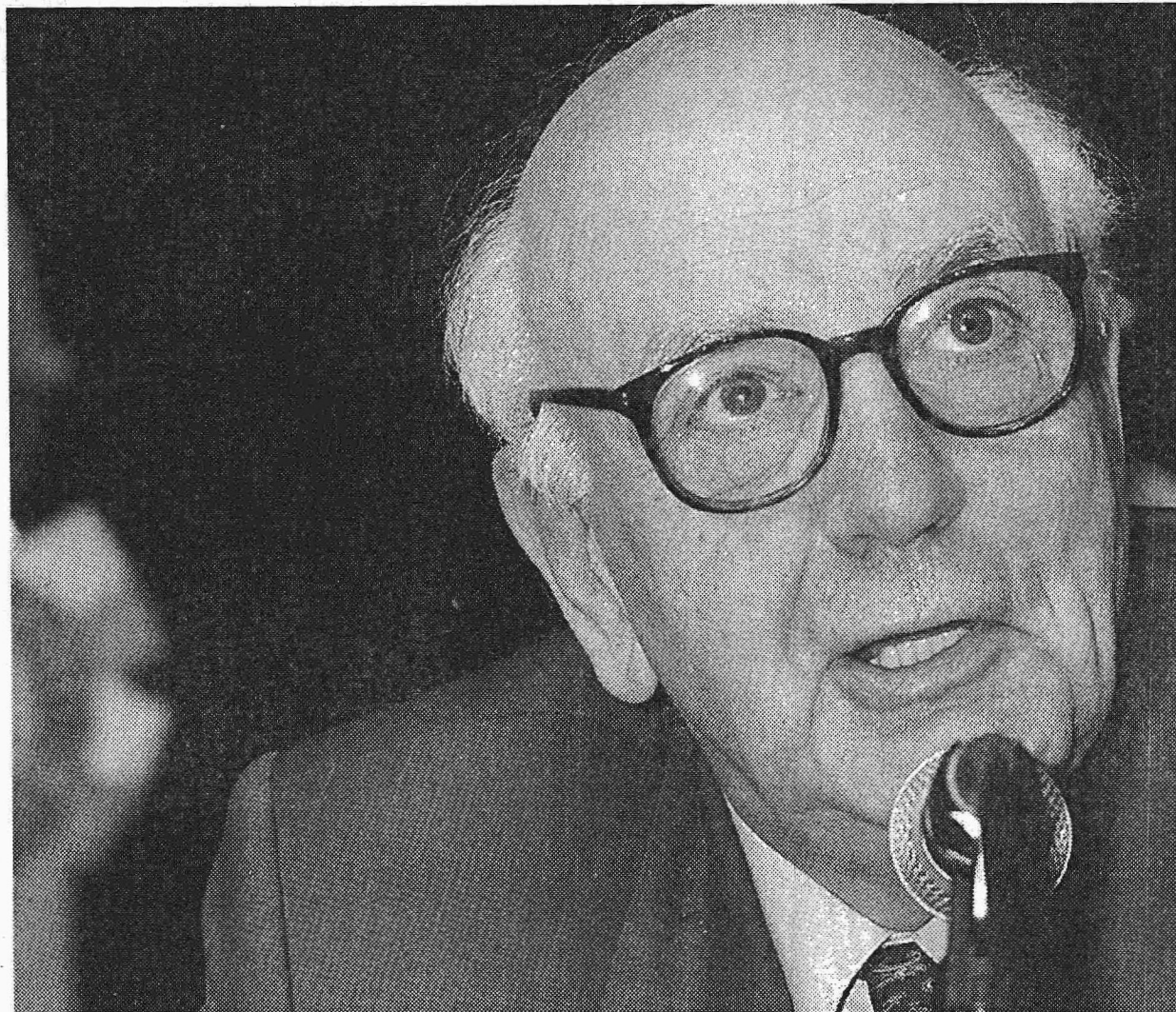
O ponto crucial para solucionar a crise que o Brasil enfrenta não é a escolha de um regime cambial, mas como evitar a volta da inflação. O câmbio de taxas flutuantes, como o que foi adotado no país, “é uma idéia acadêmica que não corresponde ao mundo real empírico”, afirma Paul Volcker, ex-presidente do Federal Reserve Board (Fed, banco central dos EUA). Ele alerta para o perigo de um descontrole inflacionário e recomenda uma rígida disciplina fiscal para o país recuperar credibilidade interna e externa.

Volcker não acredita que o mercado seja capaz de encontrar “o ponto de equilíbrio da taxa cambial, porque ele mesmo não sabe qual é”: “As chances de o câmbio estabilizar-se num patamar apropriado são maiores se o Brasil seguir com o ajuste fiscal, continuar com a economia aberta para atrair mais investimentos estrangeiros diretos e prosseguir no aumento da produtividade”, recebeu. Só com o ajuste fiscal assegurado, acrescentou, será possível baixar as taxas de juros.

Armadilha dos juros – Em palestra no seminário *Cenários da Economia Brasileira em 1999*, organizado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), Volcker advertiu, ainda, para a armadilha que taxas de juros estratosféricas representam no controle do câmbio. Uma política monetária muito forte para evitar a elevação exagerada das taxas de câmbio, ensina, pode ter efeitos negativos sobre a economia, mas se os juros forem rebaixados imediatamente estará se criando mais problemas para nova alta cambial.

Recai sobre o ex-presidente do Fed a responsabilidade de ter mergulhado os EUA na pior recessão econômica que aquele país já viveu, em meados das décadas de 70 e 80. Volcker optou por uma pancada nas taxas de juros para conter a demanda e controlar a inflação. Os resultados recessivos arranharam a reputação de Volcker, que, no entanto, conseguiu manter-se no cargo.

O ex-presidente do Fed disse, ainda, que os efeitos da crise brasileira estão sendo subavaliados no que diz respeito à retomada do crescimento econômico, estimada por analistas lo-



Paul Volcker, ex-presidente do Fed (banco central dos EUA): risco de descontrole inflacionário no Brasil

cais e pelo governo a partir do segundo semestre deste ano. Ele prevê que a recessão deve durar mais tempo, sem precisar quanto. Volcker lembrou que a economia de países asiáticos, ao superarem a crise, retomaram o estágio em que se encontravam dois a três anos antes da turbulência econômica.

Volcker defendeu uma reforma monetária internacional diante do fenômeno da globalização, anteendo a sobrevivência de apenas três a quatro moedas em todo o mundo. “A tendência é de países pequenos adotarem a moeda forte do bloco econômico a que pertencem”, diz, identificando nessa situação os países periféricos da Europa atrelados ao euro. Na Ásia deve predominar o iene (Japão) ou o iuan, caso a China venha a se fortalecer.

Sem dolarização – Os pequenos países emergentes da América Latina,

disse, devem seguir o dólar, a exemplo da Argentina e da discussão em curso no México. O Brasil, segundo Volcker, por ser a principal economia latino-americana e uma das maiores do mundo, tem condições de manter a sua moeda, mas para tanto terá que perseguir uma disciplina fiscal rigorosa.

O ex-presidente do Fed ironizou os argumentos do ex-ministro Marcílio Marques Moreira para justificar a mudança de regime cambial. Marcílio, em sua intervenção, disse que o câmbio livre impôs-se por forças de mercado e para preservar as reservas cambiais do país. Volcker rebateu lembrando que as reservas cambiais existem para defender a moeda.

Marcílio Marques Moreira, consultor-sênior da corretora americana Merrill Lynch, defendeu a manutenção do

câmbio flutuante, “sem intervenção prematura do Banco Central”, até que seja encontrado o patamar apropriado e, então, chegar ao regime cambial utilizado pelo México, em que o banco central intervém esporadicamente. Ele alertou, também, para os riscos de uma volta à reindexação dos preços da economia, rechaçando qualquer iniciativa de experiências heterodoxas, como centralização do câmbio, controle de capitais e moratória da dívida interna.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), José Pio Borges, disse que as taxas de câmbio dos últimos dias é totalmente artificial, consequência da transição do regime. Ele afirmou que o programa de ajuste fiscal vai ser cumprido, o que resgatará a credibilidade do país.